

## Concepções sobre função social da História em revistas de divulgação científica

Dr. Oldimar Cardoso\*

Este texto descreve um projeto de Pós-Doutorado desenvolvido em duas instituições: no Departamento de História da Universidade de São Paulo, com financiamento da FAPESP, e na Cátedra de Didática da História da Universidade de Augsburg, na Alemanha, com financiamento da Fundação Alexander-von-Humboldt. O objetivo desta pesquisa é analisar as diferentes concepções de função social da História nas revistas de divulgação científica dessa área no Brasil, na Argentina, no México, na França e na Alemanha. As discussões sobre função social têm uma presença importante tanto na Teoria e Filosofia da História quanto nas intervenções públicas dos leigos sobre essa disciplina. Esta pesquisa analisa todas as edições dos últimos cinco anos de duas revistas brasileiras, duas revistas hispano-americanas, duas revistas francesas e duas revistas alemãs. São analisadas as revistas brasileiras *Revista de História da Biblioteca Nacional* e *Aventuras na História*, a revista *Arqueología Mexicana*, a revista argentina *Todo es Historia*, as revistas francesas *L'Histoire* e *Historia*, e as revistas alemãs *Damals* e *P.M. History*. O critério de seleção dessas revistas foi contemplar, em cada região, uma revista de mediação científica – *Revista de História da Biblioteca Nacional*, *Arqueología Mexicana*, *L'Histoire* e *Damals* – e uma revista de grande público – *Aventuras na História*, *Todo es Historia*, *Historia* e *P.M. History* –, para poder analisar as diferenças entre esses dois tipos de revista de divulgação científica.

As revistas de grande público e de mediação científica sobre História existem na Europa há muitas décadas. Na França, a revista de grande público *Historia* – [www.historia.fr](http://www.historia.fr) – existe desde 1909. *L'Histoire* – [www.histoire.presse.fr](http://www.histoire.presse.fr) –, uma importante revista francesa de mediação científica, existe há mais de um quarto de século. A permanência dessas revistas indica que a História desempenha um importante papel na sociedade francesa e que elas possuem múltiplos usos públicos. Essa importância da História para a sociedade francesa já foi analisada pelas pesquisas em Didática da História (TUTIAUX-GUILLON; MOUSSEAU, 1998, p. 113-115). Na Alemanha, a revista de grande público *G/Geschichte* – [www.g-geschichte.de](http://www.g-geschichte.de) –, publicada desde 1979, foi seguida pela revista de mediação científica *Damals* – [www.damals.de](http://www.damals.de) –, em 1993, e pelas revistas de grande público *P.M. History* –

---

\* Universidade de São Paulo. SUPERVISORA: Profa. Dra. Raquel Glezer **Universität Augsburg**  
GASTGEBERIN: Prof. Dr. Susanne Popp

*www.pm-history.de* –, em 1998, e *GEO Epoche* – *www.geo.de/GEO/heftreihen/geo\_epoche* –, em 1999.

No Brasil, as revistas de História escritas para o público de não-historiadores são um fenômeno recente. Depois da rápida aparição, na década de 1970, da revista *Grandes acontecimentos da História*, não houve uma revista de História para esse público no Brasil durante trinta anos. Desde 2003, no entanto, apareceram mais de dez revistas de História voltadas ao público leigo. Em novembro de 2003, a Biblioteca Nacional criou a revista *Nossa História*, que em julho de 2005 deu origem a uma segunda revista, chamada *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ao mesmo tempo, outras editoras brasileiras criaram as revistas *Aventuras na História* – julho de 2003 –, *História Viva* – Novembro de 2003 –, *Desvendando a História*, *Jornal da História*, *Galileu História*, *História Viva Grandes Temas*, *História Viva Temas Brasileiros* e *Scientific American História*. Em 2007, ainda apareceram as revistas *BrHistória* e *Leituras da História*; em 2008, surgiu a revista *Descobrimdo a História*.

O surgimento de uma dezena de revistas populares de História no Brasil está associado a muitos fatores. Em primeiro lugar, é possível relacionar esse surgimento à expansão substancial do Ensino Médio, que ampliou o público leigo leitor de História. Essa expansão está relacionada a mudanças na legislação educacional brasileira que dificultaram a reprovação dos alunos e ampliaram sua permanência na escola. O número de concluintes do Ensino Fundamental passou de 1.062.707 alunos em 1990 para 2.648.638 alunos em 2000. No mesmo período, o número de concluintes do Ensino Médio saltou de 658.725 para 1.836.130 alunos (INEP, s/d). Essa ampliação em torno de 150% pode ser considerada significativa porque, no mesmo período, a população brasileira relativa à faixa etária em questão cresceu 3,2% (de 11 a 14 anos – Ensino Fundamental) e 15,4% (de 15 a 17 anos – Ensino Médio). Ainda que a presença de uma parcela mais significativa da população na escola não signifique obrigatoriamente aprendizagem histórica, a maior permanência dos alunos na escola significa um maior contato com a leitura e uma maior aptidão ao consumo de produtos culturais, como as revistas de divulgação científica.

Outra alteração que pode ter contribuído para o surgimento de tantas revistas de História ao mesmo tempo foi o crescimento da pesquisa histórica, resultado da expansão dos cursos de pós-graduação no Brasil. O número de doutores formados anualmente no Brasil cresceu de 1302, em 1990, para 5335, em 2000 (CAPES, 2004). Essa expansão pode ter contribuído para a criação das novas revistas de História, cujos autores são, em grande parte, professores e alunos de pós-graduação em História que escrevem sobre suas pesquisas.

O surgimento de revistas de História também é resultado da segmentação crescente do mercado editorial brasileiro. As revistas ligadas às diversas áreas do conhecimento contaram 150 lançamentos em 2002, com tiragem média de 27 mil exemplares, e 360 lançamentos em 2005, com tiragem média de 11 mil exemplares (MALIN, 2006). A tendência de mercado da subdivisão temática das revistas oferecidas permitiu que as revistas científicas de grande público se dividissem disciplinarmente. A revista *Aventuras na História*, da Editora Abril, surgiu de uma subdivisão da revista científica de grande público *Superinteressante*. A revista *Galileu História*, da Editora Globo, surgiu de uma subdivisão da revista científica de grande público *Galileu*.

O interesse recente do grande público brasileiro pela História também pode ser resultado do distanciamento em relação à ditadura que governou o país de 1964 a 1985. Durante essa ditadura, o ensino de História no ginásio foi substituído pelo ensino dos Estudos Sociais, que reduziram os temas históricos no currículo escolar. Várias gerações escolarizadas nesse período tiveram pouco contato com a História ou até mesmo um contato traumático com uma História ufanista, o que pode explicar a demora de vinte anos para que essas revistas surgissem após o fim da ditadura.

Essa profusão de revistas de História surgidas após anos de ausência indica uma provável mudança na relação dos brasileiros com a História. Para compreender essa mudança, esta pesquisa analisará as concepções de História e de sua função social divulgadas por essas revistas, em comparação com revistas tradicionalmente estabelecidas diante do público europeu.

A discussão sobre a função social da História foi estabelecida como recorte desta pesquisa por ter uma presença importante tanto na Teoria e Filosofia da História quanto nas intervenções públicas dos leigos sobre essa disciplina. As definições sobre a função social da História elaboradas pelos profissionais dessa área variam da suficiência do diletantismo, estabelecida por Marc Bloch, ao vínculo entre a História e o pensamento humano proposto pelo conceito de consciência histórica – *Geschichtsbewußtsein* – de Jörn Rüsen.

Sobre a função social da História, Marc Bloch afirmou: “Mesmo que julgássemos a história incapaz de outros serviços, seria certamente possível alegar em seu favor que ela distrai (...) Pessoalmente (..) a história sempre me divertiu muito” (BLOCH, 1997, p. 77). Já Jörn Rüsen estabelece a função social da História com base em seu conceito de consciência histórica, que ele define como o “fundamento de todo conhecimento histórico”. Para esse autor, todas as formas de conhecimento histórico, inclusive o criado pela ciência da história – *Geschichtswissenschaft* –, são “um modo particular de um processo genérico e elementar do

pensamento humano”. Isso permite a Rüsen definir a consciência histórica como “fundamento da ciência da história” e, segundo ele, fundamentar essa ciência num processo externo a qualquer “concepção particular da história, vinculada a tal ou qual cultura” (RÜSEN, 2001, p. 56).

Este projeto também se insere entre as pesquisas sobre “divulgação científica” ou “disseminação do conhecimento” – *scientific popularization*. Segundo o cânone questionado por Danette Paul, as produções de divulgação científica são “traduções (muitas vezes consideradas duvidosas) da pesquisa científica para o público leigo” (PAUL, 2004, p. 32). Ainda segundo o cânone descrito por Paul, essas produções seriam caracterizadas por diminuir o fosso entre o conhecimento especializado dos cientistas e o conhecimento – *common knowledge* – do grande público, por voltar-se a um público homogeneamente desinformado sobre temas científicos – *blank slate* –, por constituir uma via de mão única no intercâmbio de idéias dos cientistas para o público, por promover a ciência ao criar interesse do grande público por ela, por desejar atrair o apoio do público num momento de diminuição do orçamento para pesquisa e por perder algo do original no momento da tradução (PAUL, 2004, p. 32-33).

Esse cânone da divulgação científica descrito por Paul será analisado nesta pesquisa sob a ótica da Teoria da História, por meio do conceito de cultura histórica – *Geschichtskultur*. Hans-Jürgen Pandel define esse conceito como todos os “processamentos da História sem forma científica” – *nicht-wissenschaftsförmigen Geschichtsverarbeitungen* (PANDEL, 2006, p. 74). A cultura histórica identifica “a forma como uma sociedade lida com seu passado e sua História” (PANDEL, 2006, p. 74). Ela é uma forma específica de experimentar e interpretar o mundo, que descreve e analisa a orientação da prática de vida – *menschlichen Lebenspraxis* –, a auto-compreensão e a subjetividade dos seres humanos (RÜSEN, 1997, p. 38). Nem todas as sociedades já existentes possuíram uma cultura histórica: trata-se de um fenômeno da Modernidade, que pressupõe uma História compreendida de forma singular por um coletivo – *Kollektivsingular* „*Geschichte*” (PANDEL, 2006, p. 75). Tal conceito de cultura histórica, que permite caracterizar a produção não-científica da História – ou produção historiológica – no contexto da Teoria da História, será utilizado nesta pesquisa para analisar as revistas de divulgação científica dessa disciplina.

O intuito de comparar produções historiológicas brasileiras, hispano-americanas, francesas e alemãs surgiu da experiência da pesquisa de doutorado anterior a esta, que comparou práticas de professores de História brasileiros e franceses (CARDOSO, 2007). A

observação por este pesquisador de aulas de História em duas escolas francesas e em três escolas brasileiras, entre 2005 e 2007, permitiu comparar a concepção de História universalista francesa ao ecletismo brasileiro, que funde concepções francesas e anglo-saxãs. Segundo Louis Dumont, o universalismo francês teve origem na definição do cidadão como individualmente disperso numa “sociedade” – *Gesellschaft* –, enquanto o comunitarismo germânico se relaciona à definição do cidadão como holisticamente vinculado a uma “comunidade” – *Gemeinschaft* (DUMONT, 1983, p. 11-12). Para Dumont, essa diferença remonta ao Iluminismo: os franceses se viam como seres humanos “acidentalmente” franceses – *I am a man by nature, and Frenchman by accident* –, enquanto os germânicos acreditavam constituir-se seres humanos por meio de sua cultura – *I am essentially a German, and I am a man through my being a German* (DUMONT, 1994, p. 3 e 19). Com esta nova pesquisa, será possível comparar as concepções de História brasileiras às concepções de História francesas e alemãs, buscando definir múltiplas relações de influência entre elas. Além de ampliar a compreensão sobre as concepções de História no Brasil, esta pesquisa também objetiva contribuir para ampliar a compreensão das relações entre as concepções francesas e alemãs. Afinal, as tradições universalista e comunitarista persistem hoje como ideais, mas não existem mais de forma ortodoxa nas concepções francesas e alemãs (BIZEUL, 2006, p. 14). A presença do multiculturalismo na política francesa, ampliado pelas tentativas de resolução de conflitos com os imigrantes de suas ex-colônias africanas, tende a considerar cada vez mais o conceito anglo-saxão de comunidade. A recente ruptura com o “direito de sangue” – *jus sanguinis* – na Alemanha, pela lei de 1999 que permite a alguns filhos de imigrantes o acesso à cidadania alemã, indica uma transição da vertente culturalista ao universalismo francês (KASTORYANO, 2001, p. 3). Nesse sentido, também é objetivo desta pesquisa analisar se essa flexibilização também se dá nas concepções de História divulgadas nesses países. A análise dessas revistas também objetiva comparar as diferenças intrínsecas às revistas de mediação científica – escritas por historiadores, como *Revista de História da Biblioteca Nacional*, *Arqueología Mexicana*, *L’Histoire* e *Damals* – e de grande público – escritas por leigos, como *Aventuras na História*, *Todo es Historia*, *Historia* e *P.M. History* –, para analisar o que caracteriza o maior rigor das primeiras.

Assim como fez Danette Paul com produção de divulgação científica acerca da Teoria do Caos, esta pesquisa objetiva analisar, no caso específico da divulgação científica em História, a validade das seis características do cânone descrito por essa autora (PAUL, 2004, p. 32-33). Esta pesquisa também visa avaliar, como defende Greg Myers, os limites entre o discurso científico e os diferentes gêneros de popularização (MYERS, 2003, 267-269). Nesta

pesquisa serão analisados dois gêneros específicos de divulgação científica, aqui definidos como revistas de mediação científica e revistas de grande público. Nesses dois gêneros, também será avaliado o posicionamento dos historiadores como “autoridades” – *public expert* – nos temas históricos ou como “profissionais das Ciências Humanas” – *humanist scholar* – que se recusam a esse rótulo, conforme análise realizada em outro contexto por Christopher Eisenhart (2006, p. 150-151).

### Referências bibliográficas:

- BIZEUL, Yves. Les débats sur la citoyenneté en Allemagne et en France. Débats franco-allemandes. Paris: IFRI, nº 9, p. 1-15, outubro de 2006.
- BLOCH, Marc. Introdução à História. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. PNPG – Plano Nacional de Pós-Graduação. Brasília, 2004, p. 30. Disponível em: <[http://www.capes.gov.br/opencms/export/sites/capes/download/editais/PNPG\\_2005\\_2010.pdf](http://www.capes.gov.br/opencms/export/sites/capes/download/editais/PNPG_2005_2010.pdf)>.
- CARDOSO, Oldimar Pontes. A Didática da História e o slogan da formação de cidadãos. Tese de Doutorado. São Paulo: FEUSP, 2007. Disponível em: <<http://www.tudoehistoria.com.br/paginas/doutorado.html>>.
- DUMONT, Louis. Essais sur l'individualisme: une perspective anthropologique sur l'idéologie moderne. Paris: Seuil, 1983.
- \_\_\_\_\_. German Ideology: from France to Germany and back. Chicago: University of Chicago, 1994.
- EISENHART, Christopher. The Humanist Scholar as Public Expert. Written Communication. Vol. 23, Nº 2, p. 150-172, abril de 2006.
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. EDUDATABRASIL - Sistema de Estatísticas Educacionais. s/d. Disponível em: <[http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/escolar/news98\\_014.htm](http://www.inep.gov.br/imprensa/noticias/censo/escolar/news98_014.htm)>; <<http://www.edudatabrasil.inep.gov.br>>.
- KASTORYANO, Riva. Nationalité et citoyenneté en Allemagne aujourd'hui. Vingtième Siècle: Revue d'histoire. Paris: Presses de Sciences Po, nº 70, p. 3-17, abril-junho 2001.
- PANDEL, Hans-Jürgen. Geschichtskultur in MAYER, Ulrich *et alii* (orgs.). Wörterbuch Geschichtsdidaktik. Schwalbach: Wochenschau, 2006, p. 74-75.
- PAUL, Danette. Spreading Chaos: The Role of Popularizations in the Diffusion of Scientific Ideas. Written Communication, Vol. 21, Nº 1, p. 32-68, 2004.
- MALIN, Mauro. Mundo digital atropela revistas de História. Observatório da Imprensa. 8 de setembro de 2006. Disponível em: <[http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id={9C82D819-0867-42BB-8B35-F85AE827F0D0}&id\\_blog=4](http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/blogs.asp?id={9C82D819-0867-42BB-8B35-F85AE827F0D0}&id_blog=4)>.
- MYERS, Greg. Discourse studies of scientific popularization: questioning the boundaries. Discourse Studies. Vol. 5, Nº 2, p.265-279, 2003.
- RÜSEN, Jörn. Geschichtskultur in BERGMANN, Klaus *et alii* (orgs.). Handbuch der Geschichtsdidaktik. Seelze/Velber: Kallmeyer, 1997, p. 38-41.
- TUTIAUX-GUILLON, Nicole; MOUSSEAU, Marie-José. Les jeunes et l'histoire: identités, valeurs, conscience historique. Paris: INRP, 1998.